

WILLIAM LEO HANSBERRY, 1894-1965

### Perfil de um pioneiro africanista

“Em paralelo a W. E. B. Du Bois<sup>1</sup> e Carter G. Woodson<sup>2</sup> Hansberry provavelmente fez mais do que qualquer outro estudioso, naqueles tempos pioneiros, para o progresso do estudo da cultura e civilização da África”. Williston H. Lofton, da Universidade Howard<sup>3</sup>, de Washington.

“Você [Hansberry] me iniciou no santuário da antropologia e da história antiga da África”. De uma carta de Nnamdi Azikiwe, primeiro presidente da Nigéria.

“Mr. Hansberry, professor da Universidade Howard, é o moderno sábio que fez por estudar o negro no Egito e na Etiópia”. Da introdução de “The World and África” (*O Mundo e a África*) de W. E. B. Du Bois.

Williston Lofton, aluno de Hansberry, foi mais tarde seu colega na Universidade Howard; Nnamdi Azikiwe também foi seu aluno e amigo; Du Bois foi seu mentor e sua erudição fora motivo de inspiração para o jovem Hansberry, no distante ano de 1916. Os três haviam compreendido o cerne da carreira de Hansberry: era um pioneiro cuja influência se espalhara desde a diáspora até

---

<sup>1</sup> - William Edward Burghardt Du Bois (1868-1963) é considerado o pai da intelectualidade negra norte-americana, autor da obra prima “The Souls of Black Folk” (*As almas do povo negro*).

<sup>2</sup> - Carter G. Woodson (1875-1950), historiador e fundador da *Associação para o Estudo da Vida e História do Negro*.

<sup>3</sup> - Howard University, situada em Washington, D.C., foi fundada em 1867 para assegurar instrução aos escravos recém emancipados. Embora seja predominantemente uma universidade para afro-americanos, teve sempre suas portas abertas para todos os estudantes. A Biblioteca dos Fundadores, é renomada por suas coleções e materiais relativos à literatura e história da África e dos afro-americanos.

a África, impressionando tanto a negros quanto brancos.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> - Nota de Joseph E. Harris: Simbólico do professor Hansberry no contexto das tradições pan-africanas é o seguinte: Quando Hansberry morreu, Edward W. Blyden III era o diretor do *Instituto Hansberry de Estudos Africanos*, situado no prédio Russwurn, na Universidade da Nigéria, em Nsukka, que se havia organizado em grande parte pelos esforços de Nnamdi Azikiwe. Para quem desejar uma completa compreensão do significado disto, deve consultar: Hollis Lynch, *Edward Wilmot Blyden* (Londres, 1967); os vários trabalhos do próprio Blyden; Robert W. July, *The Origins of Modern African Thought* (New York, 1967); Jean H. Kopytoff, *A Preface to Modern Nigeria* (Madison, Wisc. 1965); and Joseph E. Harris, "The Unveiling of a Pioneer", *Attribute to the Memory of Professor William Leo Hansberry* (Department of Histor Howard, 1972).

Essa grande conquista se iniciou em Gloster, Mississippi, onde Hansberry nasceu. Quando da morte de seu pai, professor na faculdade Alcorn A. & M., Mississippi, a família herdou “uma biblioteca razoavelmente boa”, com muitos livros sobre História Antiga. Isto influenciou, sem dúvida, o jovem Hansberry e tornou-se seu primeiro marco indicativo do caminho que levaria a sua futura carreira. Nas palavras do próprio filho: *“Eu conquistei, ainda bem jovem, um profundo interesse pelo instigante épico da luta humana em tempos românticos e distantes... e ao fim do meu ano como calouro na antiga Universidade de Atlanta<sup>5</sup>, havia me tornado, em grande parte por leituras independentes... algo como uma autoridade na “glória que fora a Grécia” e na “grandeza um dia de Roma”*. Mas não conseguira, em sua busca, acrescentar ao seu *“excessivamente limitado conhecimento”*, a história antiga da África Negra. Embora ele, então, não compreendesse fatos e razões, para distorções e supressão da história afro-americana e africana, se sentia “tentado” a refutar a teoria segundo a qual, antes das descobertas europeias do século quinze, “a África negra era destituída de qualquer passado histórico merecedor de sério interesse acadêmico”.

---

<sup>5</sup> - Edmund A. Ware (1837-1885) educador e religioso, foi nomeado pelo general Howard (cujo nome é homenageado na universidade situada em Washington, DC.) superintendente para educação, na Geórgia, em 1867. Fundou a Universidade de Atlanta (1865), uma escola para negros libertos onde Du Bois viria a lecionar, entre 1897 e 1910

No verão de 1916, uma segunda marco indicador surgiu ao ler o livro “*The Negro*” (*O Negro*), de W. E. B. Du Bois, que incluía capítulos relacionados com reinos e impérios na África tropical, durante tempos antigos e medievais. Essas revelações impactaram com surpresa a Hansberry, pois era a primeira vez que lia a respeito sociedades e Estados na África, tanto anciã quanto medieva. Hansberry sentiu-se assim motivado para buscar leitura nas várias fontes que Du Bois registrou em suas “sugestões para leituras posteriores”. Não conseguindo encontrar material que necessitava na biblioteca da Universidade de Atlanta, transferiu-se para a faculdade Howard, onde diligenciou por cursos relacionados com a África, nas áreas de antropologia e arqueologia. Recebeu seu título de bacharel em 1921 e mestrado em 1932, ambos na Universidade de Harvard<sup>7</sup>.

A experiência em Harvard melhor preparou Hansberry para seguir com sua missão de pesquisar a história africana. Impressionou-lhe muito a falta de empenho por parte das faculdades e escolas para negros em fazer uso das descobertas e estudos recentes que confirmavam que os africanos e seus descendentes tiveram um passado honrado e, verdadeiramente, glorioso. O tempo havia chegado para os negros afirmarem sua identidade, demonstrando uma auto-confiança que somente o verdadeiro conhecimento de seu passado poderia assegurar. Assim, em 1921, após receber seu título de bacharel, tornou público o seguinte manifesto: “Anunciando um esforço para promover o estudo e fundamentos da história e vida do NEGRO”<sup>8</sup>. Essa proclamação explicava que Hansberry visitaria diversas escolas e faculdades naquele verão (1921) “num esforço para chamar a atenção de professores e alunos da importância da antiga

---

<sup>6</sup> - Primeira publicação em 1915, ainda é objeto de sucessivas reedições, em mais de uma editora, por ser material de domínio público nos Estados Unidos.

<sup>7</sup> - Harvard University, tem sede em Cambridge, Massachusetts. É o mais antigo centro de ensino superior nos Estados Unidos, tendo sido fundada, como Faculdade Harvard, em 1636. O nome é uma homenagem ao principal doador para a fundação, John Harvard.

<sup>8</sup> - Nota de Joseph E. Harris: Panfleto encontrado em papéis privados de Hansberry (HPP).

civilização africana”. Seu objetivo primeiro era estimular estudos formais sobre a África, a fim de garantir fundos para a publicação de documentos-fontes, para uso escolar, e para estabelecer um escritório voltado para despertar interesse popular para estudos dos negros, através de revistas, conferências e outros meios de divulgação. A longo prazo, seu objetivo era duplo: preparar lideranças negras para que se tornassem conhecedores de seu passado e atualidade mundial, e edificar um orgulho e confiança dos negros.

Esse interesse conduziu Hansberry a desenvolver o “plano para expandir um projeto pioneiro em educação acadêmica”. Em 1922, a Universidade Howard, em resposta a uma correspondência de Hansberry, autorizou a realização de uma série de cursos sobre *“Civilização Negra na África Antiga”*. Deste modo, após lecionar por um ano em Straight College, Nova Orleães, juntou-se à Howard para lançar os cursos, como parte da Seção de Civilização Africana, do Departamento de História. Passados dois anos, havia estruturado três cursos, onde se matricularam mais de oitocentos estudantes:

1) *POVOS NEGROS NA CULTURA E CIVILIZAÇÕES DE TEMPOS PRÉ E PROTO-HISTÓRICOS*. Este era um curso de avaliação baseado nos mais recentes achados arqueológicos e antropológicos, relativos às culturas africanas paleolíticas e neolíticas; às civilizações pré-dinásticas do Egito antigo, e relações com a proto-história e civilizações históricas antigas do Mediterrâneo oriental, além das do sul e ocidente asiático.

2) *AS CIVILIZAÇÕES ANTIGAS DA ETIÓPIA*. Este curso era uma avaliação a partir de cerca de 4.000 a. C., compreendendo as áreas ocupadas em nossos dias pelo Sudão e a Etiópia. Hansberry valia-se de fontes egípcias, hebraicas e gregas, bem como de dados arqueológicos e antropológicos oriundos de várias expedições, inclusive uma intitulada *Harvard-Boston à Kerma, Napata e Meroe*<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> - Kerma, Napata e Meroe. O significado desses nomes aparecerão no texto principal.

3) *A CIVILIZAÇÃO DA ÁFRICA OCIDENTAL EM TEMPOS MEDIEVAIS E MODERNO NASCENTE*. Este curso avaliou o desenvolvimento político e cultural de Ghana<sup>10</sup>, Mali, Songai<sup>11</sup> e Iorubalândia, como descrito nas narrativas árabes, e nas evidências arqueológicas e antropológicas investigadas por ingleses, franceses e alemães.

Ministrar esses cursos hoje em dia haveria de requerer uma tremenda preparação de fontes, materiais e energia; na década de 1920 o encargo era ainda mais monumental. Mas, enquanto em Harvard, Hansberry começara a identificar e conseguir o material necessário, e conseguiu lançar seu programa com material de apoio que falta, ainda hoje, em muitas universidades. A bibliografia que usava, incluir as principais obras árabes traduzidas para o inglês ou para o francês, bem como aquelas escritas originariamente em idiomas ocidentais. A mais, em cooperação com o Departamento de Geologia, Hansberry produziu centenas de diapositivos (mais de 200, em 1925), para ilustrar vários aspectos de seus cursos. Mapas e gráficos eram usados em grande quantidade. Em um ano, Hansberry havia equipado um escritório e uma oficina com o necessário para suas aulas. Para fazer isto, todavia, se fez necessária uma forte colaboração da Biblioteca do Congresso, os departamentos

---

<sup>10</sup> - Ghana, grafado assim, poderoso império do fim do primeiro milênio e início do segundo, difere do país da África ocidental, ex-Costa do Ouro, atual Gana.

<sup>11</sup> - Império Songai, influente, entre os séculos 11 e 15, ocupou área geográfica que se contém no norte da República da Nigéria.

Antropológico e Arqueológico do Smithsonian Institution<sup>12</sup> e as bibliotecas de Harvard. Em todos esses esforços, inclusive com o uso de inúmeros tradutores, ele foi obrigado a se valer de seus próprios recursos.

Em junho de 1925, a Seção de Civilização Africana de Hansberry, no Departamento de História, patrocinou um simpósio sobre “As Culturas dos Povos Negros da África”<sup>13</sup>. Esse esforço pioneiro de apresentar 28 papéis acadêmicos por seus alunos, inclusive alguns do Panamá, Guiana Inglesa, hoje Guiana) e Colombia. À vista, no simpósio, encontravam-se diversos objetos arqueológicos. De fato, a Universidade Howard e o professor Hansberry pareciam haver encontrado o caminho para demarcar um segmento muito especial dos estudos africanos.

Todavia, os anos 1920 também testemunharam alguns profundos desapontamentos. Logo após haver inaugurado o programa, deparou-se com a tentativa de alguns colegas de desacreditá-lo pessoal e profissionalmente. Dois dos mais renomados professores de Howard denunciaram a J. Stanley Durkee, o último presidente branco daquela universidade (1918-1926), que Hansberry “estava pondo em perigo os padrões e a reputação da universidade ao ensinar matérias para as quais não existia fundamentação”. Foi também questionado a capacidade de Hansberry os programas de estudos africanos. Baseado nos relatórios apresentados, o presidente Durkee e o Conselho Curador decidiu pela interrupção dos programas. Subseqüentes apelos, partidos de onde não está ainda hoje claro, levaram o presidente e o Conselho a voltar atrás. Entretanto, durante o restante da administração Durkee desapareceram o apoio financeiro e moral. Apesar disto, Hansberry não expressou qualquer antagonismo a seus adversários; ao contrário, simplesmente dizia que era a sua ignorância a respeito da herança

---

<sup>12</sup> - Smithsonian Institution. Centro educacional de pesquisa, situado em Washington, D.C. Estabelecido em 1846, a partir do testamento de James Smithson, de Londres, que em 1829 doou sua fortuna para os Estados Unidos. É hoje um imenso complexo que inclui os museus Nacional e Aeroespacial, a Galeria Nacional de Arte, o Museu Nacional de História Americana, o Museu Nacional de História Natural, bem como, dentre muitos outros, os museus de Arte Africana e Asiática.

<sup>13</sup> - Nota de Joseph E. Harris: Programa disponível em HPP (Papéis Privados de Hansberry).

africana a razão de suas acusações sem base.

Nem as dúvidas de alguns colegas, tampouco a falta de apoio pela universidade, dissuadiram Hansberry. Continuou a desenvolver um programa que necessitaria de suporte financeiro maior do que a administração de Howard garantia. Em junho de 1927, por exemplo, o professor, num relatório à administração, expressou a crença de que “nenhum outro departamento havia conseguido tanto em proporção aos fundos universitários gastos nos últimos cinco anos - US\$ 50”. Apelou à administração para que apoiasse seus esforços, de forma que Howard poderia conquistar um “distinção exclusiva e superior no mundo acadêmico no futuro imediato”. Todavia, muito adiante, já em 1935, Hansberry disse ao presidente de Howard, Mordecai Johnson, que “sinto com muita convicção que meus esforços e a causa da História dos Negros, da forma como tentei promovê-la, merecem um melhor tratamento da Universidade Howard”.

Esses tempos pioneiros eram psicologicamente e financeiramente difíceis, mas eram também o período de gestação de estudos africanos, na Universidade de Howard. E o professor era jovem, ambicioso e determinado. Era particularmente encorajado em seus anseios pela resposta de seus estudantes, não somente por causa de sua matrícula nos cursos eletivos, mas também pelos gastos que muitos deles enfrentaram para comprar os vários tipos de material didático ilustrativo. A resposta do público foi gratificante. Hansberry recebeu cartas de louvor de pessoas além país: do Canadá, Portugal, o Departamento de Antropologia de Harvard, e o editor de *Scientific American*<sup>14</sup>, e em outros órgãos nos Estados Unidos e no exterior.

Estímulos como esses fortaleceram os planos do professor para seu programa e para a universidade. De fato, ele começou a formular “um plano para expansão de um projeto pioneiro em educação acadêmica”. Chamava-o, “Plano de Miscelânea Africana para Universidade Howard”. Esta era uma proposta na qual,

---

<sup>14</sup> - Revista de ciência, editada em Nova York, desde 1845.



explicava Hansberry, “não há carência de informação publicada a respeito da África; a literatura publicada é mais abundante. Mas o público em geral conhece muito pouco dessas publicações e de seu conteúdo. Isto também é verdade em relação a muitos especialistas aos quais é solicitado formular e expressar opiniões sobre as conquistas do povo negro”.

Hansberry arrolou quatro razões chave para esse estado das coisas: 1) A informação nunca foi tornada acessível ao público”. 2) Seu cunho era técnico e redigido para especialistas; 3) A maior parte dos dados históricos fora coletada e descrita incidentalmente, ou eram indiretamente ligadas à história africana, e para se valer desses, fazia-se mister um conhecimento de trabalho dos princípios básicos e técnicas dos especialistas e sua nomenclaturas. 4) As diversas origens nacionais dos autores significava que muitos dos dados apareceram numa variedade de linguagens, inclusive aramaico, árabe, etíope, cóptico e siríaco.

Todavia, Hansberry não via o problema como algo insuperável. Ele deu ênfase à necessidade de montar, correlacionar, simplificar, e tornar o material de boa leitura, acessível ao público. Assim, listou alguns repositórios que deveriam ser visitados: biblioteca Widener, em Harvard, Massachusetts; Bodleian and Ashmolean, em Oxford (Inglaterra); Museu Britânico (Londres); biblioteca F. L. Griffith, em Boar’s Hill (Inglaterra); Biblioteca Nacional (Paris); biblioteca Königlische, Berlim (Alemanha); o Instituto Oriental, da Universidade de Chicago, e a Biblioteca do Congresso (Washington, EUA). Durante sua vida, visitou a todas essas bibliotecas, com exceção de uma.

Hansberry acreditava que sua “Miscelânea Africana” tornaria a Universidade Harvard capaz de revolucionar antigos e arraigados falsos juízos sobre a África, os africanos e a gente negra, em geral. Assinalou: “Nenhuma instituição está tão obrigada e nenhuma escola para negros está em melhor posição para desenvolver este programa do que Howard. Nenhuma instituição tem acesso a bibliotecas especializadas - a Coleção Moorland [em Howard], e repositórios

espalhados por Washington; em nenhum outro lugar, o pensamento e o planejamento são tão divulgados; não há outro lugar onde se podem encontrar cursos melhores; não existem alunos mais bem treinados, face a sua origem racial. Esta é a área em que Howard tem a oportunidade mais promissora e imediata de distinguir-se como líder na causa geral da ilustração pública”<sup>15</sup>.

Assim, muito antes da época dos estudos negros e demandas acadêmicas do poder negro pelo controle da comunidade sobre a educação e o desenvolvimento de um currículo que fosse ao encontro das necessidades dos afro-americanos, o professor Hansberry vislumbrou a Universidade Howard como a vanguarda da educação dos negros. Para conseguir este objetivo, Hansberry submeteu diversas propostas de projetos à fundações para que os financiassem. Seu primeiro e mais importante projeto foi submetido ao Fundo Spelman, em 11 de julho de 1929. Excertos dessa proposta não apenas revelam as definidas perspectivas e metas daquele na área dos estudos africanos, mas revela também o caráter revolucionário de seu plano para educação na Universidade Howard. Propunha-se a demonstrar que:

---

<sup>15</sup> - Nota de Joseph E. Harris: Está em HPP.

1) “A África ao invés da Ásia era, em todas as probabilidades, o berço da raça humana”, e que “foram eles [os africanos], parece, os primeiros a aprender e depois a ensinar ao resto da espécie humana o uso de ferramentas, o desenvolvimento religioso, a prática das artes, a doma dos animais, a fusão dos metais - particularmente o ferro -, a criar e manter deliberadamente constituído e nacionalmente delimitado... Estado<sup>16</sup>”;

2) que a desertificação dos desertos do Saara e da Líbia provocaram que “negróides autóctones e negros... emigrassem para a Europa e Ásia<sup>17</sup>”;

3) que “muitos dos povos e culturas do antigo Egito se originaram na África equatorial”;

4) que “os povos da Etiópia... disputavam com o poderoso Império Assírio a liderança dentre as grandes e organizadas potências do mundo de então”;

---

<sup>16</sup> - Nota de Joseph E. Harris: Este conceito é hoje amplamente aceito.

<sup>17</sup> - Nota de Joseph E. Harris: Veja, também, de Chester Chand, “*Implications of Early Human Migrations from Africa to Europe*”, Man, Agosto de 1963, vol. 63, nº 152, pg. 124.

5) que “Ghana, Melle<sup>18</sup>, Songai, Nupe<sup>19</sup> eram maiores em tamanho, mais efetivamente organizados, com desenvolvimento cultural superior à maioria dos Estados seus contemporâneos, como o anglo-saxão, o germânico, as eslavas regiões da Europa”, e que “o aumento da desertificação do Saara, a introdução do maometismo e sistemas políticos islâmicos, bem como a imposição dos métodos árabes, berberes e europeus de tráfico escravo trouxe a desintegração desses Estados africanos e suas civilizações.

Hansberry conclui sua proposta expressando o desejo de que seus esforços em Howard despertaria nos “povos negros um empenho específico no sentido de reviver e desenvolver suas forças, espiritual e criativa, que... são os maiores dons que a natureza concedeu aos africanos”<sup>20</sup>.

Os objetivos demarcados pelo professor Hansberry eram precisos “face disputas envolvendo noções predominantes sobre o passado africano”, deveria ser usada sua avaliação; nem toda, mesmo hoje em dia, é universalmente aceita. De qualquer forma, enfim, ele recebeu da Junta Geral de Educação uma modesta bolsa de estudos, que lhe permitiu prosseguir com uma limitada pesquisa em Harvard (1929-1930), enquanto desfrutava de um período de licença em Howard.

Embora não tenha conseguido fundos adicionais por parte de Howard ou de outra origem, a fim de suplementar sua modesta bolsa, sustentou-se, em sua tarefa, pelas fontes que examinara em Harvard, e o pelo paciente apoio de seu conselheiro, professor Earnest A. Hooton, presidente do Departamento de Antropologia da Universidade Harvard. Após concluído o período de licença, Hansberry retornou à Howard onde reforçou seus cursos sobre a África, enriquecendo o acervo da biblioteca, e empenhando-se na obtenção de fundos o bastante para o desenvolvimento de seu programa e a assaz necessária publicação

---

<sup>18</sup> - Império Mali ou Melle, poderoso entre os séculos 14 e 16, mais conhecido como Império do Mali, mas, da mesma forma, chamado Mande, situava-se onde está em nossos dias a República do Mali, na África do ocidente.

<sup>19</sup> - Reino de Nupe, importante já no século 15, situa-se na área da atual Nigéria.

<sup>20</sup>Nota de Joseph E. Harris: Em “Uma proposta para fundos”, em 11 de julho de 1929, pg. 11.

de documentos-fontes.

Conquanto em 1923 haja se correspondido com o famoso egiptólogo, professor F. L. Griffith, que cooperou com seu trabalho e expressou o desejo de conhecê-lo pessoalmente, se passasse pela Inglaterra - foi nos primeiros anos da década de 1930 que Hansberry envolveu-se numa profícua correspondência com renomados eruditos europeus sobre os cursos que ministrava em Howard, e a pesquisa que desejava dar seguimento, em preparação a documentos-fontes. E. A. Wallis Budge, do Museu Britânico, e pioneiro especialista em Egito, Etiópia e Sudão oriental, estimulou Hansberry a dar seguimento a suas pesquisas na Inglaterra e, mesmo, ofereceu-lhe apoio. A. H. Sayce, filólogo em Oxford, deu-lhe conselhos e indicou nomes que poderiam ser contatados. E. L. Collie, curador do Museu Logan<sup>21</sup>, encorajou Hansberry a perseguir seus demarcados objetivos; Sir W. M. Flinders Petrie, outro renomado egiptólogo, ofereceu seu apoio. C. G. Seligmann, antropologista de Oxford, ofereceu seu parecer. Por fim, L. P. Kirwan, arqueologista de Oxford, concordou em ser seu conselheiro se ele viesse a visitar Oxford.

Hansberry voltou-se para encontrar oportunidades para a realização de trabalho de campo na África. Ficou sabendo, em 1932, que o professor Griffith estava planejando liderar uma expedição ao Sudão. O jovem Hansberry, assim, diplomaticamente, buscou a opinião de dois conselheiros de confiança - Dows Dunham, no Museu de Belas-artes, em Boston, e o professor Hooton - se o fato de ser negro não o desqualificaria a participar da expedição. Não conseguiu encontrar uma resposta de Hooton a esse respeito, mas Dunham afirmou, em parte:

Para ser franco, se eu fosse o encarregado dessa expedição, hesitaria muito antes de levar em meu grupo um negro norte-americano... Temeria que o simples fato de integrando a equipe você viesse a afetar seriamente o

---

<sup>21</sup> - Museu Logan de Antropologia, fundado em 1893, com doação do financista de Chicago, Frank G. Logan.

prestígio dos outros integrantes e o respeito que os empregados nativos lhes haveriam de deferir. Tenho certeza de que você me conhece o bastante para compreender que não digo isto a partir de qualquer preconceito de cor”<sup>22</sup>.

Hansberry não integrou a expedição; e eu não tenho nada que sugira haver ele sido desestimulado pela resposta de Dunham (a qual provavelmente já esperava) ou que ele algum dia tenha se valido do incidente como razão para seu limitado sucesso naqueles anos pioneiros. Continuou a buscar recursos para o seu programa em Howard e para sua própria pesquisa. Finalmente, a Junta Geral de Educação premiou-o com uma bolsa de estudos em Oxford. Hansberry preparou-se para usufruir dessa oportunidade buscando realizar pesquisa independente, em história africana e arqueologia, na Universidade de Chicago, em 1936.

---

<sup>22</sup> - Nota de Joseph E. Harris: Carta na pasta HPP, Dunham para Hansberry, 2 de fevereiro de 1932.

Em Oxford (1937-1938), trabalhou com L. P. Kirwan<sup>23</sup>, que era o diretor da expedição de Oxford à Núbia. Parecia, enfim, que o professor havia conseguido sua oportunidade de ouro, ao trabalhar sob um renomado arqueologista, e no Sudão! Sucede que, nas cartas trocadas anteriormente, Kirwan mostrara-se sensibilizado pelas propostas de Hansberry para estudar na Inglaterra, Egito e Sudão, embora houvesse manifestado alguma inquietação face à “limitada qualificação” do solicitante em arqueologia. Fato consumado, todavia, Kirwan tentou afastar Hansberry de seu propósito inicial. Em verdade, chegou a sugerir mais adiante um projeto que Hansberry poderia conduzir a partir de Boston! Mas Hansberry mostrava-se determinado. Sem perspectiva de integrar-se à expedição de Kirwan ao Sudão, ocupou-se de qualquer pesquisa que pode desenvolver em Oxford, ao mesmo tempo em que aconselhou-se com várias autoridades, mantendo, inclusive, longas discussões com A. J. Arkell<sup>24</sup>, diretor de Antiguidades, para o Sudão<sup>25</sup>, que se encontrava de férias, em Oxford.

---

<sup>23</sup> - Sir Lawrence Patrick Kirwan (1907-1999). Liderou Expedições da Universidade de Oxford à Núbia/Sudão, entre os anos de 1934 e 1937.

<sup>24</sup> - Anthony John Arkell (1898-1980), historiador e egiptólogo, destacado administrador colonial do império britânico.

<sup>25</sup> - Nota de Joseph E. Harris: Carta do arquivo HPP, de Dunham para Hansberry, em 2 de fevereiro de 1932.

O projeto de Hansberry propunha uma reinterpretação histórica do trabalho arqueológico na Etiópia e Núbia entre o século oitavo antes de Cristo e século sexto desta Era. Ele desejava, em especial, estudar histórias mais recentes e aplicar técnicas modernas no reexame das conclusões a que chegara Herman Junker<sup>26</sup>, cujo artigo, “*The First Appearance of the Negroes in History*”<sup>27</sup> (Jornal de Arqueologia Egípcia, 1921, VII), sustentando que os egípcios e seus vizinhos do Suão não eram negróides, senão que camitas (caucasóides). A resposta à indagação se os motivos que levavam Kirwan a tentar dissuadir Hansberry eram pessoais ou profissionais deve esperar por pesquisa adicional. O relatório de Hansberry à Junta Geral de Educação informava que seu projeto corria quase em paralelo a um sob exame do próprio Kirwan. De qualquer forma, o professor de Howard manteve-se imperturbável, e completou o restante do período da bolsa em Oxford.

Em 1938, retornou da Inglaterra e deu prosseguimento a seu programa em Howard. Então, fora promovido a professor assistente (dezesseis anos após seu primeiro encargo). Embora sua experiência em Oxford não houvesse sido tão recompensadora quanto esperava, mostrava-se cada vez mais convencido de que sua pesquisa deveria prosseguir. Conseqüentemente, revisou e expandiu sua proposta de pesquisa, recebeu ajuda de Hooton, em Harvard e de W. F. Albright, antropologista da Universidade John Hopkins, e em 1947 submeteu seu projeto às fundações Rosenwald e Carnegie. Foi nesse contexto que Hooton escreveu uma carta muito citada, em defesa de Hansberry:

Tenho profunda convicção de que nenhum pesquisador da atualidade possui o conhecimento desse campo (pre-história da África) como o desenvolvido por Hansberry. Ele não conseguiu ainda o título de Doutor... porque não

---

<sup>26</sup> - Herman Junker (1898-1948) arqueologista alemão (ou austríaco).

<sup>27</sup> - A primeira aparição dos Negros na História.



há instituição ou universidade... que tenha manifestado realmente um profundo interesse nesta matéria<sup>28</sup>.

Albright havia escrito antes para o presidente de Howard, Mordecai Johnson: “Qual não foi meu prazer... ao saber que o senhor Hansberry desempenhara sua tarefa com extraordinária eficácia e competência”<sup>29</sup>.

Apesar desse apoio, a mediação de alguns executivos de Howard, e um projeto especialmente detalhado, com a prova de que em muitos estágios se encontravam bem próximos da conclusão, ambas as fundações negaram-lhe apoio. Este último revés, surgido vinte e cinco anos após haver inaugurado o Programa de Estudos Africanos, em Howard, com pesados sacrifícios pessoais e financeiros, constituiu-se, sem dúvida, num dos maiores desapontamentos de Hansberry.

---

<sup>28</sup> - Nota de Joseph E. Harris: De Hooton para W. W. Alexander (Fundo Rosenwald), 17 de setembro de 1948, encontrada em HPP.

<sup>29</sup> - Nota de Joseph E. Harris: Carta de Albright para Mordecai Johnson, em 6 de janeiro de 1947, encontrada em HPP.

Mas esse pioneiro africanista não se dobrava. À medida em que os estudos africanos tornavam-se mais populares, após a Segunda Guerra Mundial, ele começou a receber algum reconhecimento, que lhe era devido. Em 1953, tornou-se Pesquisador Fulbright<sup>30</sup>, no Egito, desenvolvendo por um ano pesquisa de campo nesse país, na República do Sudão e Etiópia. Também ministrou aulas para acadêmicos e público em geral, durante esse ano.

Por ironia, foi durante as férias de Hansberry como pesquisador de Fulbright que a Universidade Howard recebeu um aporte da Fundação Ford, a fim de desenvolver um programa de estudos africanos. Hansberry não fora incluído em qualquer decisão relativa a esses desdobramentos, tampouco foi informado das discussões em andamento. Seu sentimento a respeito disto pode ser melhor descrito em suas palavras:

---

<sup>30</sup> - Programa do governo dos Estados Unidos, voltado para outorga de bolsas de estudos para pesquisa, a partir de lei proposta pelo senador por Arkansas, James William Fulbright, em 1946.

Estando na Libéria, o derradeiro país que visitei durante as prolongadas viagens pela África, em 1954, soube, de um de meus antigos alunos - pela primeira vez, para minha grande surpresa - que a Universidade estava implantando um programa de estudos africanos, sob a direção do chefe do Departamento de Sociologia. Uma vez que estive engajado em programas de estudos africanos, na Universidade, por mais de trinta anos, se tornava difícil para mim compreender por que motivo, durante o ano todo que estivera fora, não recebera qualquer notícia sobre essa inusitada evolução. Ao retornar à Universidade, tomei conhecimento de que o programa se tornara possível graças a substancial aporte financeiro oriundo da Fundação Ford, sob condições que excluíram meus cursos de estudos africanos do programa e, conseqüentemente, de qualquer benefício originário do aporte da Fundação. Face aos anos de serviço que dedicara - com muito sacrifício pessoal - para o fim de estabelecer um programa, amplamente embasado, de estudos sobre a África, em Howard, e levando em conta o reconhecimento expressivo que mereci por esses empreendimentos, de entidades fora da Universidade, torna-se desnecessário dizer que a atitude dessa, nesse tema, foi particularmente uma experiência desanimadora.<sup>31</sup>

Tarefa precária, seria tentar o deslinde dos complexos desenvolvimentos que levaram à situação antes descrita. Estava claro que o professor fora excluído das negociações iniciais e do planejamento para os novos cursos, mesmo que

---

<sup>31</sup> - Nota de Joseph E. Harris: Este registro se encontra na pasta de recortes de Hansberry. Não há indícios de que tenha sido endereçada e enviada a alguém, e não tem data.

suas idéias houvessem servido de guia para tanto; é menos nítido, entretanto, qual foi o seu papel no programa durante os anos subseqüentes. Reyford W. Logan, ex-presidente do Departamento de História, em Howard, escreveu que o programa foi administrado por um comitê interdepartamental, onde se incluía, dentre outros, o próprio Hansberry, e E. Franklin Frazier, que serviu por muitos anos como presidente<sup>32</sup>. Poder-se-ia concluir que, assim, ocorria a aceitação dos cursos de Hansberry pelo comitê até um certo ponto, ou desde o início. Mas não importa como, ele não desempenhou papel relevante no programa, embora houvesse devotado trinta anos de sua vida ao trabalho acadêmico e experimental de campo, uma credencial que raros intelectuais americanos poderiam reivindicar. Poderia ser notado, também, que enquanto Howard mantinha seu reconhecimento desde Hansberry, muitas pessoas e organizações fora da universidade não somente reconheciam suas conquistas, mas procuravam por aconselhamento sobre a África; suas distinções tinham como ápice o Prêmio Africano de Pesquisa, Haile Salassie I<sup>33</sup>, outorgado em 1964. Muito provavelmente, o papel periférico desempenhado por Hansberry no novo programa foi resultante de movimentos políticos, ainda não bem avaliados, dentro da universidade.

Na década de 1950, a contribuição de Hansberry para o estudo da África, na Universidade Howard, incluir cinco cursos: *“Povos e Culturas da África na Idade da Pedra”*; *“Cultura e História Política das Terras Nilóticas na Antiguidade Histórica”*; *“Cultura e História Política das Terras Cuchitas ou Etíopes na Idade Média”*; *“História Cultural e Política dos Reinos e Impérios do Saara e Sudão Ocidentais”*; e, *“Métodos e Materiais Arqueológicos”*. Não somente um exame do plano de ensino disponível, notas e conferências convence

---

<sup>32</sup> - Nota de Joseph E. Harris: *No livro, Howard University: The First Hundred Years* (New York, New York University Press, 1969), pgs. 436 a 540.

<sup>33</sup> - Haile Salassie I era sobrinho-neto do imperador Menelik II, que derrotou os italianos em 1896, na batalha de Aduwa, mantendo seu império livre das forças européias. Coroado em 1934, ficou no trono até 1974 quando foi deposto por um golpe militar. Em 1936 os italianos voltaram a invadir o país, quando Salassie fugiu para o exílio. Voltou em 1941, com a derrota da Itália de Mussolini.

a qualquer pessoa do inacreditável número de fontes diversas que o professor usou, ou o tremendo alcance de seus cursos; mas também é de ficar-se impressionado pelo fato de haver ele concentrado seus esforços no estudo de matérias relativas aos tempos antigo e medieval. Em 1957, além de lecionar em Howard, tornou-se conferencista sobre antigas civilizações africanas, na *New School for Social Research*, em Nova York.

Em 1959, aposentou-se em Howard. Encerrava sua carreira de professor imerso nos povos e terras da África. A Universidade da Nigéria, que, em 1961, o havia honrado com o título de Doutor em Letras, estabeleceu, em sua homenagem, o Instituto Hansberry de Estudos Africanos. Em setembro de 1963, o veterano professor tornava-se Distinto Professor Visitante, na mesma universidade nigeriana, onde proferiu a aula magna no Instituto Hansberry. Simbolicamente, apenas poucas centenas de quilômetros adiante, na África (Gana), e umas poucas semanas antes, o grande mentor de Hansberry, W. E. B. Du Bois, vinha a falecer (agosto de 1963), ainda ativo e engajado nos estudos africanos<sup>34</sup>.

---

Um dos aspectos mais importantes da carreira acadêmica do professor Hansberry foi a resposta entusiástica e o apoio de seus alunos. Talvez sua primeira grande alegria, nesse contexto, ocorreu quando adentrou na sala de aulas, sob os aplausos dos estudantes, após o presidente do Conselho de Curadores de Howard haver voltado atrás em sua decisão de encerrar seus cursos, na década de 1920. Foi incansável com seus pupilos; mas votou um interesse especial aos vindos da África. Hansberry sabia que os estudantes africanos não apenas deviam enfrentar a vida neste país racista, mas que, também, tinham a obrigação de

---

<sup>34</sup> - Convidado pelo primeiro-ministro Francis Kwame Nkrumah (primeiro mandatário da recém independente Gana), o nonagenário Du Bois migrou para Gana, onde assumiu a nacionalidade ganesa, recebeu o título de Doutor pela Universidade Lagoon, em Acra, e mergulhou no projeto de sua vida, a Enciclopédia Africana, que a morte não o deixou concluir.

retornar a seus países de origem tanto com a qualificação adquirida em Howard, quanto com uma perspectiva afrocêntrica de sua herança. Foi nessa última acepção, através de seus cursos e contatos pessoais, que concedeu sua grande contribuição aos estudantes africanos, arredando mitos detrativos e estereótipos sobre sua cultura, e afirmando sua dignidade, orgulho, e sentimento de conquista histórica, igual ao de outros povos.

Em 1946 foi apontado como Conselheiro docente para alunos africanos, e em 1950 foi nomeado para o setor de Apoio em Emergências, de Howard, no Comitê de Estudantes Africanos, relacionado com bolsas de estudos e assuntos financeiros de estudantes africanos. Ambas as posições pareciam fundir-se com as aspirações pessoais de Hansberry para com o bem-estar geral daqueles estudantes, que continuamente traziam uma grande quantidade de assuntos pessoais e universitários para que os resolvesse. Hansberry aceitou essas responsabilidades sem compensação extra ou apoio burocrático. Sua correspondência, entretanto, dobrou ou triplicou. Escrevia cartas em resposta a indagações vindas da África a respeito de auxílio para estudantes; respostas eram enviadas para pais africanos indagando sobre determinado problema social ou acadêmico de um estudante; requerimentos eram submetidos às fundações em busca de auxílio para alunos e, em pelo menos um caso, houve uma longa troca de cartas face à morte de um estudante. Em grande partes as despesas com isso tudo eram suportadas por Hansberry.

Noutra oportunidade, ele escreveu para o presidente W. V. S. Tubman<sup>35</sup>, da Libéria, solicitando que restabelecesse a bolsa que havia sido concedida a certo estudante (que mais tarde viria a tornar-se alto funcionário do governo daquele país). Há a correspondência relativa a muitos milhares de dólares que o imperador Haile Salassie, da Etiópia, contribuiu para o Comitê, em auxílio

---

<sup>35</sup> - William Vacanarat Shadrach, presidente da Libéria, entre 1944 e 1971.

a estudantes africanos<sup>36</sup>. Em 1958, Hansberry registrou que mais de vinte e quatro mil dólares haviam sido postos à disposição dos estudantes africanos, de fontes externas à Universidade Howard.

---

<sup>36</sup> - Nota de Joseph E. Harris: Cartas sobre esse e muitos outros assuntos abundam nos Papéis Privados de Hansberry.

Até os anos 1960 Howard mantinha o maior número de matrículas de estudantes africanos em todo o país, e em sua maioria recebiam algum tipo de assistência. Enquanto alguns países fizeram contribuições, da Etiópia e Libéria, por exemplo, a maioria dos auxílios, nos anos da década de 1950, vieram do Comitê de Bolsas de Estudos, do Instituto Afro-americano (A.A.I.). Em 1951, outro exemplo, os estudantes receberam auxílios do A.A.I em trinta e sete instituições: quatorze estudavam em Howard; cinco em Harvard, e três em Cornell<sup>37</sup> e outros três em Ohio Wesleyan<sup>38</sup>. Entre outubro de 1957 e janeiro de 1959, seus apontamentos mostram que de \$ 8,099.00 era a soma das contribuições para estudantes africanos matriculados em Howard. Em sua maioria, resultava da iniciativa e empenho do professor, que, em 1959, foi nomeado para o comitê de Bolsas de Estudos do A.A.I.

Com o crescente interesse do governo americano na África e nos africanos durante os anos 1950, o papel de Hansberry junto aos estudantes se tornou ainda mais importante, como um arrecadador de fundos, conselheiro (muitos o chamavam de pai) e professor. Ele foi instrumental na organização da Associação de Estudantes Africanos dos Estados Unidos e Canadá, tendo recebido, em 1951, 1959 e 1963, dessa organização, o Troféu de Honra. Reconhecimento e agradecimento também vieram, ao longo dos anos, nas muitas cartas de ex-alunos e seus pais. Um deles escreveu, em 1958, que havia constituído o “Clube Hansberry”, em Queen’s Royal College, nas Índias Ocidentais. Um estudo sobre a alta consideração que os estudantes tinham para com o professor constitui-se num importante e comvente capítulo de um dos mais dedicados africanistas americanos.

---

<sup>37</sup> - Universidade Cornell, fundada em 1865, em Ithaca, Nova York, com recursos de Ezra Cornell, da empresa de telegramas Western Union.

<sup>38</sup> - Universidade Ohio Wesleyan (metodista), situada em Delaware, estado de Ohio.



Embora, jamais se saberá o número e a identidade de cada um dos que se beneficiaram com o conselho e assistência do professor, é certo, todavia, que tais favorecidos não se limitavam a ex-alunos. Seus documentos estão repletos de referências a materiais enviados ou emprestados a colegas, amigos e outros que os necessitaram. A mais, amigos e parentes recordam as horas que o professor gastava falando com pessoas, as mais diversas, muitas das quais, logo após, passaram a publicar sobre a África. Hansberry enviou material de apoio, em 1933, a W. E. B. Du Bois, e propiciou documentos a fim de ajudá-lo a preparar um curso sobre África antiga, a ser ministrado na Universidade de Atlanta, em 1936. O auxílio do professor foi muito apreciado por Du Bois, e, diferentemente de intelectuais menores, prontamente reconheceu o valor do trabalho de Hansberry, estimulando-o a seguir em frente. Na introdução de seu livro “*The World and Africa*”<sup>39</sup>, Du Bois assinala que: “... de inestimável auxílio para mim foi Leo Hansberry”. Edwin Smith, que organizava então estudos africanos na Universidade Fisk<sup>40</sup> (Tennessee) também recebeu considerável conjunto de material e informações<sup>41</sup>.

Hansberry também se correspondeu e manteve contatos pessoais com diversos líderes políticos africanos, como A. J. Lyuthuli<sup>42</sup>, negro sul-africano agraciado com o Prêmio Nobel da Paz, edição de 1960 e J. Boakye Danquah<sup>43</sup>, advogado ganhês que presidiu a Assembléia para União da Costa do Ouro. Em 1955 Danquah escreveu para Hansberry, solicitando informações a respeito do antigo Ghana<sup>44</sup>. Ele havia

---

<sup>39</sup> - *O Mundo e a África*, publicado em 1947.

<sup>40</sup> - A Universidade Fisk, para negros, foi fundada em 1866, em Nashville, estado do Tennessee.

<sup>41</sup> - Nota de Joseph E. Harris: Carta de Smith para Hansberry, em 22 de setembro de 1943.

<sup>42</sup> - Albert John Luthuli (1898-1967), líder zulu, sul-africano, presidente do Partido do Congresso Africano, recebeu, antecedendo a Desmond Tutu (1984) e Nelson Mandela (1993), o Prêmio Nobel da Paz, em 1960. Autor do famoso livro “*Let My People Go*” (Deixai meu povo partir).

<sup>43</sup> - Joseph Kwame Kyeretwi Boakye Danquah (1895-1965) foi provavelmente o primeiro africano (África do Oeste) a obter doutorado em filosofia por uma universidade inglesa, quando sua tese para doutorado, a Lei Akan, foi aceita para o título. Doutorou-se entre 1927-28, pela Universidade de Londres.

<sup>44</sup>Nota de Joseph E. Harris: Em HPP, cartas de Luthuli(sic) para Hansberry, 1961; Danquah para Hansberry, 26

lido, de Du Bois, “*The Africa and World*”, e constatara a fonte de apoio para esse livro, quanto à Etiópia e ao Egito. Pediu, também, uma cópia do trabalho de Delafosse<sup>45</sup>, “*The Negroes of Africa*”, e qualquer outra informação que Hansberry pudesse fornecer-lhe, o que, conseqüentemente, recebeu, posto que numa carta datada de 28 de maio de 1956, Danquah expressou agradecimentos a Hansberry pelo envio do trabalho “*Africa e o Mundo Ocidental*”, publicado no *Midwest Journal*, 1955, Vol. II.

Apesar de suas dificuldades e de seus extraordinários encargos como professor e consultor, Hansberry encontrava tempo e energia para publicar. Além da crítica de livros e de artigos, que eram publicados em *Jornal da Educação dos Negros*, *Relatório Especial sobre a África*, *Panorama* e no jornal *Washington Post*, o professor escreveu muitos artigos que eram incomuns para seu tempo, posto que poucas pessoas escreviam seriamente nessa área do conhecimento. A maioria dos que isso abordavam, detinham-se em períodos mais recentes. Eram também invulgares posto que revelam a grande familiaridade do autor com diversas fontes e em diversas línguas. Os títulos de alguns são:

*Sources for the Study of Ethiopian History (Fontes para o Estudo da História Etíope)*, Howard University Studies in History, 1930, vol. II;

*A Negro in Anthropology (Um Negro na Antropologia)*, Opportunity, 1933, vol. XI;

*African Studies (Estudos Africanos)*, Phylon, 1944, vol. V;

*Imperial Ethiopiain Ancient Times (Etiópia Imperial na Antiguidade)*, The Ethiopian Review (Adis Abeba, Etiópia, agosto de 1944), vol. I;

*Ethiopi in the Middle Ages (A Etiópia na Idade Média)*, The Ethiopian

---

de maio de 1956.

<sup>45</sup> - Africanista francês, que teria identificado o coração do Império de Ghana (Kumbi-Saleh). Os líderes da independência da Costa do Ouro trocaram o nome dessa colônia inglesa para Gana, em homenagem ao Império ancestral. A produção intelectual de Hansberry, Du Bois e outros foi decisiva nessa decisão.

Review (setembro e novembro de 1944, vol. 1;

*The Historical Background of African Art (A Experiência Histórica da Arte Africana)*, Howard University Gallery of Art, 1953;

*Africa and the Western World (A África e o Mundo Ocidental)*, The Midwest Journal, 1955, vol. VII;

*Indigenous African Religions (Religiões Nativas da África)*, *Africa Seen by American Negroes Scholars (África na Visão de Estudiosos Negros Americanos)*, Présence Africaine, 1958;

*Ancient Kush, Old Ethiopia and the Balad es Sudan<sup>46</sup> (Cuche Remoto, Etiópia Antiga e a Terra dos Negros)*, Journal of Human Relations, 1960, vol. VIII;

*Africa: The World's Richest Continent (Africa: O Continente Mais Rico do Mundo)*, Freedomways, 1963, vol. III;

*Africana at Nsukka*, (Viking Press, 1964);

---

<sup>46</sup> - Para pesquisa: também grafado como Bilad as-Sudan, Terra dos Negros, como chamavam-na os árabes.

*Ethiopian Ambassadors to Latin Courts and Latin Emissaries to Prester John (Embaixadores Etíopes junto às Cortes Latinas e Emissários dessas cerca a João Preste<sup>47</sup>)*, Ethiopia Observer (Ethiopia and Britain, 1965), vo. IX, nº 1.

*W. E. B. Du Bois's Influence on African History (A Influência de W. E. B. Du Bois na História Africana)*, Freedomways, 1965, vol. V, nº 1.

Embora raramente mencionado como vinculado à atividade política, o envolvimento do professor em assuntos africanos, em verdade, se estendeu a várias áreas políticas. De fato, pode-se argüir que para o preenchimento de seu projeto, o impopular esforço de “*chamar a atenção de professores e alunos para a importância da antiga civilização africana*” demandava atividade política. O professor acreditava que todos os descendentes de africanos necessitavam saber a respeito da riqueza de seu passado e apreciar as grandes potencialidades para o futuro. Considerava os estudos africanos como meios necessários para desenvolver ou manter o orgulho e confiança dos negros num mundo dominado, política, econômica e culturalmente, por brancos. Todavia, nem que forçassem a imaginação, podia ele ser definido como racista. Acreditava em harmonia racial, mas entendia como pré-requisito para essa harmonia uma integral apreciação da herança dos negros. Daí resultaram seus planos para um “*projeto pioneiro em educação acadêmica*”, e seu empenho para instruir o público em geral. Seus esforços para reorientar as perspectivas raciais dos Estados Unidos pela destruição de velhos mitos e estereótipos, haviam de ter implicações políticas. Os problemas que enfrentou em Howard confirmam isso, em ambiente acadêmico.

Mas Hansberry, deliberadamente, traçou táticas de ação política em patamares nacionais e internacionais. Já precocemente, na Quarta Conferência Pan-africana (Nova York, 1927) o jovem Hansberry começou a tornar seu

---

<sup>47</sup> - Para pesquisa: João Preste. Chefe de um vasto império no Extremo Oriente. Ver Barsa.Vol.2, pg. 133.

conhecimento disponível para a mobilização da gente africana. Nesse encontro, discursou sobre a história arqueológica da África e seu significado para os negros. Em 1934, com outros, organizou o Conselho de Pesquisa Etíope, do qual se tornou diretor, e William M. Steen, secretário. Os objetivos do Conselho eram os de estimular o interesse dos americanos no esforço para resistir à invasão da Etiópia pelos italianos e disseminar informações a respeito da história etíope, antiga e moderna. Foram dispostos correspondentes em Londres, Paris, Roma e Adis Abeba. Afiliados inscreviam-se na Etiópia, França e Panamá, somando-se aos de Chicago, Nova York e Filadélfia. Dentre os associados estavam afro-americanos, um ugandense, um nigeriano e alguns etíopes. Ralph Bunch<sup>48</sup> cooperava como conselheiro em legislação internacional<sup>49</sup>.

Embora seja difícil, neste ponto de pesquisa, medir a extensão dos resultados Conselho, vale notar que, em 1936, o conde Ciano, o ministro italiano de Negócios Estrangeiros, comunicou ao Departamento de Estado o desencanto e preocupação da Itália face a uma projetada visita do imperador Salassie aos Estados Unidos. A nota do conde identificava Hansberry como diretor do grupo que patrocinaria a visita “com fins publicitários”<sup>50</sup>. Também é digno de nota que, durante os anos 1940, após haver o imperador reconquistado o trono, o embaixador da Etiópia conseguiu o apoio do professor para recrutar mestres e técnicos americanos para trabalhar em seu país. Essas atividades aumentam o mérito da pesquisa.

---

<sup>48</sup> - Ralph Bunche (1904-71), Primeiro negro a receber o Prêmio Nobel da Paz (1950). Era, no mesmo ano, sub-secretário geral da Organização das Nações Unidas.

<sup>49</sup> - Nota de Joseph E. Harris: Numa carta escrita em papel timbrado do Conselho de Pesquisa Etíope datado de 1936, eram listados nomes de empregados, assessores e afiliados. Encontrada em HPP.

<sup>50</sup> - Nota de Joseph E. Harris: Em, *Foreign Relations of the United States, The Near East and Africa, 1936*, vol. 3, pg. 218.

Nos anos da década de 1950, os Estados Unidos ampliaram sobremodo seu interesse na África, e dentre as pessoas que foram convidadas a falar perante a Comissão de Relações Exteriores do Senado Federal a respeito do Programa Ponto Quatro <sup>51</sup>(auxílio externo) estava Hansberry, que sublinhou a necessidade de: provisões para auxiliar organizações, corporações e empresários africanos a fazer solicitações diretas de auxílio financeiro; meios para possibilitar o treinamento de africanos; fornecimento de fundos para territórios africanos ainda não independentes. Também falou sobre os bons resultados obtidos por Howard no treinamento de africanos. Mesmo não sendo possível saber o impacto de seu testemunho, é importante considerar que sua experiência foi usada pelo governo, e que suas sugestões mostravam que ele tinha percepção das mais prementes necessidades africanas.

Em 1952, um grupo que incluiu William Steen, James Grant, Robert W. Williams, Jr., Henrietta Van Noy e Hansberry organizou o Instituto de Relações Afro-Americanas visando uma maior compreensão da África e cultivar as relações com os africanos. O Instituto lançou a publicação *The African-American Bulletin*. Logo após a fundação desse órgão, Hansberry e outros membros passaram a se relacionar com outros grupos que tinham interesse na África. Como resultado surgiu o African America Institute (A. A. I.) no qual o professor atuava como curador. Como uma de suas atividades, o A. A. I. Mantinha a Casa Africana, em Washington, como base para os estudantes africanos. Nesse contexto, não havia pessoa mais adequada para dirigir esse estabelecimento do que o professor, que foi eleito presidente do seu conselho diretor. O sindicato de estudantes africanos tinha seu escritório na Casa Africana, o que facilitava a execução dos diversos programas que patrocinava.

---

<sup>51</sup> - Point Four (Ponto Quatro), programa americano de auxílio ao exterior foi proposto pelo presidente Harry S. Truman, como o quarto ponto de seu discurso inaugural, em 20 de janeiro de 1949, e foi aprovado pelo Congresso em junho de 1950. Tratava-se de um programa concebido para melhorar as condições de vida em países subdesenvolvidos, auxiliando-os a conseguir qualificação e equipamentos nas áreas agrícola e industrial. O Ponto Quatro foi ideado como um baluarte contra o comunismo.

A longa e dedicada experiência em estudos africanos e o relacionamento com estudantes, assegurou ao professor um imenso respeito, especialmente por parte dos africanos. Seus muitos contatos ajudaram-no a manter na Casa da África um programa tanto substantivo quanto oportuno. Havia leituras, seminários, filmes, diapositivos, exposições, excursões, danças e recepções. Dentre os convidados que honraram a Casa da África estiveram o primeiro ministro Sylvanus Olympio, do Togo; ministro da Justiça de Gana, Kobina Arku-Korsah; presidente Sekou Touré, da Guiné, e Alioune Diop, diretor da Secretaria de Cultura Africana (Paris). Realmente, para os anos 1950 e o início da década de 1960, Hansberry desenvolveu um impressionante trabalho na Casa da África. Como se registrou antes, ele também serviu junto ao comitê de bolsas de estudos da A. A. I. Pesquisas futuras, sobre sua atuação nesse órgão haverão de relevar ainda muito.

Este perfil do professor Hansberry seria descuidado se não registrasse sua disposição para falar a grupos sociais e para entidades laicas sobre a África. Sua correspondência privada está repleta de referências a esse tipo de atividade. Era comumente mal pago (ou nada recebia), mas aceitava de bom grado falar em igrejas, escolas, clubes comunitários, lojas maçônicas e grupos de estudantes. Muitas vezes, após proferir uma conferência, pediam-lhe cópias do discurso, lista de livros ou cópia de seu plano de conferência. Comumente, atendia a esses pedidos. Embora a pesquisa realizada até o momento não possa determinar isto com precisão, mas pode-se dizer que ele foi um professor das gentes. Sim, o fato de Hansberry comumente atrasar suas pesquisas e escritos para por-se à disposição para discutir sobre a África com qualquer pessoa interessada, é uma justificativa básica para a publicação de sua Agenda, para leitura do público em geral. Aliás, a publicação de sua Agenda para o leitor atual provavelmente o deixaria tão honrado quanto ao receber os inúmeros troféus que mereceu em vida.

As honrarias outorgadas ao professor incluem três prêmios de Honra ao

Mérito outorgados pela Associação de Estudantes Africanos dos Estados Unidos e Canadá (1951, 1959, 1963); um registro em bronze por “Quarentas anos de trabalho em favor da causa da liberdade africana”, concedido pela sociedade Amigos Unidos da África (1961); um troféu da Fraternidade Ômega Psi Phi (1961); o Prêmio Africano de Pesquisa, Haile Salassie I, outorgado em 1964; O grau L. L. D<sup>52</sup> outorgado pela Faculdade Estadual Virgínia, e o Litt. D. grau concedido pela Universidade da Nigéria, ambos em 1961; e o grau L.L.D., em 1965, pela Faculdade Estadual Morgan.

Poucos comentários devem ser feitos sobre a maneira como o professor encarava a historiografia africana. Ele passou a maior parte de sua carreira tentando resgatar a história africana da situação negativa que lhe destinou os europeus. Fez ver que o costume havia conseguido associar Etiópia e Europa, da mesma forma que, Negro e Nórdico, aquele sendo considerado como inferior a este. Encarregou-se, assim, o professor de mostrar que essa popular concepção era historicamente malfundada, tornando o tema central de muitos de seus trabalhos.

---

<sup>52</sup> - L.L.D Legum doctor: Doutor em leis. Lii.D. / Litt.D.: Litterarum Doctor (Doutor em letras; Doutor em literatura)



Hansberry era fascinado pela obsessão de antigos escritores europeus quanto à Etiópia. Para eles, a designação, em si, era “claramente uma produção européia, posto que nenhum africano referia-se a si mesmo como etíopes ou a seu país como Etiópia, até que os europeus estampara o rótulo”<sup>53</sup>; e nem antigos egípcios ou hebreus referiam-se aos africanos por aqueles termos. O professor notou que o primeiro escritor a empregar tais termos teria sido Homero, no século nono antes de Cristo, em seu trabalho *Ilíada*. Em tempo, as designações Etiópia e etíopes tornaram-se talvez mais conhecidas do que as de outras terras quaisquer e povos dos tempos antigos. Hansberry escreveu:

É um fato curioso que séculos antes dos termos históricos e geográficos Babilônia, Assíria, Pérsia, Cartago, e Etrúria tenha se tornado pouco mais do que vagas memórias preservadas apenas no necrotério da história, de prolecta designação, Etiópia continuou em uso”<sup>54</sup>.

Como estudante e, também, professor de história grega, observou que a antiga poesia, geografia e história européias registraram a Etiópia e os etíopes; os grandes escritores clássicos Homero, Hesíodo, Ésquilo, Sófocles, Eurípides, Diodoro, Plínio, o Velho, e outros, contribuíram grandemente para internacionalizar essas designações e ajudaram a implantá-las entre os mais “antigos termos vivos” na literatura européia.

As razões para essa longa e contínua preocupação européia intrigou muitos historiadores, por séculos. Indubitavelmente, todavia, o significado do termo em si - terras dos queimados pelo sol, ou dos homens de cara preta - é uma chave importante. Referiam-se, em verdade, a uma refletida sensibilidade dos

---

<sup>53</sup> - Nota de Joseph E. Harris: Os gregos e os romanos empregaram o termo etíope para diversos grupos étnicos escuros ou negros, na África; a descrição, assim, não necessariamente mantinha qualquer relação com o país atual com esse nome.

<sup>54</sup> - Nota de Joseph E. Harris: Manuscrito sem data, em HPP.

povos de complexão escura. O professor Snowden<sup>55</sup> enfatizou este ponto:

---

<sup>55</sup> - Frank M. Snowden Jr., é professor emérito em clássicos, na Universidade Howard.

A cor era, obviamente, muito importante na mente dos gregos e romanos, quer estivessem descrevendo etíopes em sua terra de origem, ou de seus congêneres expatriados no Egito, Grécia ou Itália. A marca distintiva de um etíope era a cor de sua pele.<sup>56</sup>

Todavia, as questões mais cruciais são o que significa sensibilidade em tempos antigos, e em que extensão isto influenciou as atitudes pessoais nas eras subseqüentes.

Alguns historiadores vêm em muito da literatura clássica a gênese de atitudes e conceitos desqualificadores de cor e raça. Em defesa dessa conclusão citam descrições clássicas de etíopes como “misteriosos, com cabelos grossos e encarapinhados, narizes amplos, achatados e lábios grossos”. Heródoto<sup>57</sup> caracterizou seu falar como parecendo mais “o guincho de morcego do que o falar de uma pessoa”. Plínio, o Velho, descreveu-os como tendo “... ao invés de cabeças, boca e olhos em seus peitos”. A expressão proverbial, “lavar um etíope até torná-lo branco”, se enquadra no mesmo padrão de estereótipo. Negro está associado a sujeira que não pode ser lavada até ficar branca (limpa). O rótulo, “canibais etíopes” favoreceu o estereótipo dos negros. Seja qual tenha sido o objetivo, consciente ou não, essas críticas fazem dos escritores clássicos disseminadores de germes racistas.

---

<sup>56</sup> - Nota de Joseph E. Harris: A mais recente e completa síntese avaliadora nessa área produziu-a Frank Snowden, em *Black in Antiquity: Ethiopians in the Greco-Roman Experience* (Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1970) Snowden e Hansberry foram amigos e colegas na Universidade Howard, por muitos anos. Outro livro de grande valor é *The Negro in Greek and Roman Civilization: A Study of the Ethiopian Type*, de Grace H. Beardsley (Baltimore e Londres, 1929).

<sup>57</sup> - HERÓDOTO, historiador grego (Halicarnasso, c. 484 – Túrio, c. 420 a.C.). Muito viajado, narrou em suas obras todos os acontecimentos, verídicos e lendários, que evidenciam a oposição entre o mundo bárbaro (egípcios, medos, persas) e a civilização grega. (in Houais)

Por outro lado, existem críticos, inclusive Hansberry, que procuraram dar ênfase à antiga corrente, que caracterizava os etíopes como “pios e justos”. Enquanto o livro de Snowden (nota 56) cita muitas das informações incluídas no parágrafo anterior, ele conclui: “Textos clássicos têm comumente sido mal-interpretados posto que estudiosos atribuíram por engano à antiguidade racial atitudes e conceitos que derivam de algumas visões modernas relativas ao Negro” Hansberry compartilhava desse ponto de vista (e o deve ter discutido com seus antigos colegas), e acreditava que uma familiaridade com a “verdadeira posição dos antigos etíopes na nascente tradição européia haveria de prover correção para opróbrias e enganosas conotações”, relativas aos africanos, “conotações que certos desenvolvimentos históricos e sociais causaram para que se tornassem quase universalmente aceitos como caracterizações genuína e original”. Resumindo, o professor Hansberry buscou reabilitar *“aquela atitude da mente que preponderou nas terras e em meio aos povos que deram origem aos termos Etiópia e Etíope como designações da cultura e povos que conheceram em primeira mão.”*<sup>58</sup>

Deve ser enfatizado que ele escrevia a um tempo quando a moda acadêmica era “provar” a igualdade do negro pela apresentação de evidência de sua cultura e comprovação de sua contribuição para a civilização. Hansberry não apenas isto demonstrou, mas revelou o íntimo contato e inter-relacionamento que existiu entre africanos da antiguidade e medievais, neste caso, entre europeus e etíopes. Baseado em suas avaliações dessas interações, Hansberry concluiu que os antigos gregos e romanos consideravam os etíopes como seres humanos, sem limitações. Tal conclusão significa que a explanação para a evolução do conceito de inferioridade dos negros teria de ser endereçada a alguma outra origem. E até recentemente, a fonte identificada era o tráfico de escravos e a escravidão, uma posição que ele mesmo aceitava.

---

<sup>58</sup> - Nota de Joseph E. Harris: Apontamentos de aula, sem data, em HPP.

De outra forma, e um tanto ironicamente, a pesquisa promovida por Hansberry pode também ser usada para sugerir intencional ou não difamação dos negros em tempos antigos. Realmente, o fluir do tempo exige reinterpretação não somente em termos de novos dados, mas também em novas perspectivas, e nenhum historiador de renome irá isto negar; por certo Hansberry não o faria. Da fato, por sua geração, o professor William Leo Hansberry pioneiramente conduziu uma reinterpretação da herança africana.